

«GERAR RASTO NA HISTÓRIA DO MUNDO»

8. Um povo novo na história para a glória humana de Cristo

por Luigi Giussani*

O encontro com Cristo, através daquela forma histórica concreta que se chama «carisma», torna-se evidente na vida das pessoas através duma experiência de «unidade» antes unimaginável. Não só uma unidade com nós próprios, graças à qual uma pessoa se descobre mais ativamente protagonista da própria vida, sem censurar nada de si, como vem ao de cima também uma unidade com as outras pessoas que foram alcançadas pelo mesmo encontro: é esta, na história, a origem do «Povo de Deus». Esta companhia em caminho revela-se como um ponto de luz, de comunhão e de simpatia humana no cenário acinzentado do mundo e, ao mesmo tempo, permanece o lugar que gera e regenera continuamente a humanidade de quem dela faz parte, abraçando-lhe todas as dimensões da vida.

Nestas semanas que vivemos a caminho do Tríduo Pascal, poderia ser útil aprofundar o diálogo, deixando-nos provocar na leitura do texto por algumas perguntas: de onde é que nasce, no hoje da pandemia, a minha pertença ao caminho dos Liceus? O que é que encontro de diferente nesta companhia em relação a outros grupos que frequento? O que é a «unidade» para mim? Quais são as formas (momentos, gestos) da vida dos Liceus que me mais me ajudam no caminho da vida e que eu gostaria de partilhar com todos os meus amigos ?

Propomos prosseguir o trabalho até ao final do mês de março sobre o início do terceiro capítulo (pp. 127-139), do livro de L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus Editora, Lisboa 2019.

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site:

<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>
na secção «Scuola di Comunità».

1. UM PROTAGONISTA NOVO NA HISTÓRIA

A companhia daqueles que Cristo fez à Sua imagem na Igreja, o Seu corpo, vive e manifesta-se na história como um novo povo, o povo de Deus. Vejamos primeiro quais são as características de um povo e, em segundo lugar, como se manifesta este povo em particular, o povo de Deus, na história dos homens.

Para que haja um povo, é necessário haver uma ligação entre pessoas provocada por um »

* Do libro L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Gerar rasto na história do mundo,
Paulus Editora, Lisboa 2019, pp. 127-139.

» acontecimento entendido como decisivo, pelo seu significado histórico, para o destino delas e para o do mundo. Um acontecimento dá início a um povo, dando origem a uma ligação estável de pertença entre pessoas até então desconhecidas, tal como o acontecimento de uma criança que nasce dá início completo a uma família. Vamos dar um exemplo. Imaginemos duas famílias em palafitas no meio de um rio que engrossa. A unidade destas duas famílias, e depois de cinco, de dez, à medida que a geração cresce, é uma luta pela sobrevivência e, em última instância, para afirmar a vida. A ligação que surgiu entre elas leva à busca de uma consistência cada vez maior da vida inicial. A realidade que dali nasce é considerada positiva, é um bem, e isso implica também uma defesa, com toda a astúcia e energia de trabalho necessárias, contra quem a ataca. Há entre elas uma seiva que as mantém unidas, a favor das suas vidas: é o alvor de um povo.

A vida de um povo é determinada por um ideal comum, por um valor pelo qual vale a pena existir, cansar-se, sofrer e, se necessário, até morrer; por um ideal comum pelo qual tudo vale a pena. É uma dinâmica já intuída por Santo Agostinho quando, no *De Civitate Dei*, observa que o povo é uma «união duma multidão de seres racionais associados pela participação concorde dos bens que amam», e acrescenta que para conhecer a natureza de cada povo é preciso por isso olhar para as coisas que este ama («ut videatur qualis quisque populus sit, illa sunt intuenda, quale diligit»).¹ Em segundo lugar, a vida de um povo é determinada pela identificação dos instrumentos e métodos apropriados para alcançar o ideal reconhecido, atendendo às necessidades e desafios que emergem aos poucos nas circunstâncias históricas. E em terceiro lugar, é determinada pela fidelidade recíproca, em que um ajuda o outro no caminho para a realização daquele ideal. Existe um povo onde existe a memória de uma história comum que é aceite como tarefa histórica a realizar.

Do reconhecimento do ideal nasce, portanto, uma poderosa operacionalidade que tende a ser instrumentalizada da melhor maneira possível. Isto exprime-se, em última instância, na caridade dum povo em que cada pessoa carrega o fardo do outro. Neste sentido, o «nós» cabe na definição do «eu»: é o povo que define o destino, a capacidade operacional e a genialidade afetiva, logo fecunda e criativa, do eu. Se o «nós» do povo cabe na definição do «eu», o eu alcança a sua maior maturidade, como reconhecimento do seu destino pessoal e como totalidade da sua própria afeição, identificando-se com a vida e o ideal do povo. Por isso sem amizade, isto é, sem uma afirmação gratuita e recíproca do destino comum, não existe um povo.

A coisa mais misteriosa é que, para o sucesso de um povo, não pode deixar de estar implicada também a perspectiva de que o seu bem é para o mundo, para todos os outros. E isto torna-se muito claro quando o povo alcança uma determinada segurança e dignidade, e amadurece e se afirma o factor ideal (que é a origem de qualquer civilização, tal como o seu desaparecimento assinala o seu ocaso: uma civilização desaparece quando já não sabe gerir o ideal que a gerou).

Neste sentido, o povo hebraico pode ser o símbolo de todos os povos. O povo de Israel nasceu de um acontecimento na história,² da promessa feita a Abraão de que a sua descendência seria mais numerosa do que as estrelas do céu e do que a areia do fundo do mar:³ estabeleceu-se assim uma aliança entre Javé, que será o seu Deus, e os israelitas, que serão o Seu povo.

Em misteriosa continuidade com esta história,⁴ nasce de Cristo o Povo novo, que se torna visível pelas ruas de Jerusalém e sob o pórtico de Salomão.⁵ A idéia de pertença, de »

¹ «Populus est coetus multitudinis rationalis rerum quas diligit concordi communione sociatus», profecto, ut videatur qualis quisque populus sit, illa sunt intuenda, quale diligit» (Santo Agostinho, *De Civitate Dei* XIX, 24).

² Cf. Es 12-15.

³ Cf. Gen 12, 1-9; 15; 22, 15-18.

⁴ Cf. Mt 1, 1-17.

⁵ Cf. Jo 10, 23; At. 3, 11; 5, 12.

» ser propriedade de Deus, que definia a auto-consciência do povo judeu, encontra-se no conteúdo da consciência dos primeiros cristãos. Este grupo emergente de pessoas via-se, de facto, como sendo a unidade daqueles que, pertencendo a Cristo, continuaram a Sua missão. Tiago, que foi o primeiro chefe da comunidade de Jerusalém, diz num discurso seu, citando o profeta Amós: «Irmãos, escutai-me. Simeão contou como Deus ao princípio se dignou intervir para tirar de entre os pagãos um povo que fosse consagrado ao Seu nome. E com isto concordam as palavras dos profetas, conforme está escrito: “Depois disto, hei-de voltar a reconstruir a tenda de David, que estava caída; reconstruirei as suas ruínas e erguê-la-ei de novo, afim de que o resto dos homens procure o Senhor, bem como todas as nações que foram consagradas ao Meu nome, diz o Senhor, que dá a conhecer estas coisas desde a eternidade”».⁶

No entanto, a pertença à Igreja implica uma novidade ardente: os cristãos são o Povo de Deus, mas o critério de pertença a este já não é estabelecido por uma origem étnica ou por uma unidade sociológica. O novo Povo é formado por aqueles a quem Deus escolheu e reuniu na aceitação do Seu Filho, morto e ressuscitado.⁷

Como vimos no capítulo anterior, a lei geradora e dinâmica deste povo é a eleição. Os eleitos, aqueles a quem Cristo quis chamar, recebem como tarefa a missão, que lhes foi confiada pelo cumprimento do desígnio do Pai no mundo. Ser enviado é inerente ao ser escolhido através do Batismo. Não se pode conceber um discípulo de Cristo, um batizado, a não ser através da missão. Nasce e é batizado para a missão; a graça do encontro e a educação da pertença são-nos dadas para a missão. E, se não chegarmos ao tempo da liberdade e da consciência madura, devemos dizer o que Péguy diz dos santos inocentes: a sua grandeza e a sua santidade revelam-se no facto de que passaram a fazer parte, sem o saberem e sem nada terem feito para isso, do mistério da missão de Cristo que é a salvação do mundo.⁸

Há uma página do Evangelho que documenta existencialmente a irrupção do Povo novo na história, com a sua tarefa nova de pertença a Cristo e de participação na sua missão.⁹

Do «sim» de Pedro tem início um Povo novo: «Apascenta o meu rebanho»

O «sim» de São Pedro a Cristo abre a conexão entre a vocação da vida pessoal e o desígnio universal de Deus. Este nexos entre o momento pessoal e a totalidade misteriosa do desígnio de Deus em que consiste, o que produz? Respondendo ao «sim» de São Pedro, Jesus exprime esta conexão com uma frase fácil de perceber: «Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas. Apascenta o meu rebanho».¹⁰ É como se Jesus dissesse: «Conduz o meu rebanho, Eu guiarei o meu rebanho através de ti, Pedra sobre a qual se apoiará e desenvolverá o meu edifício no mundo, o meu desígnio sobre o mundo».¹¹ A pertença de Pedro a Cristo torna-se assim participação no desígnio universal de Deus. «Apascenta os meus cordeiros», guia este novo conjunto vivo que se torna protagonista da história, instrumento da vitória e da glória humana de Cristo na história.

O «sim» de Simão é o começo de uma relação nova entre o indivíduo e toda a realidade. É o começo de uma relação nova não só entre a pessoa individual e Jesus, mas de uma relação nova que investe toda a realidade: muda de aspeto a relação entre o homem e a mulher, »

⁶ At 15, 14-18; cf. Am 9 11-12.

⁷ Cf. L. Giussani, *Perchè la Chiesa ?...*, Tomo 1, op. cit., pp. 91-98.

⁸ Cf. C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*, op. cit., pp. 400 ss.

⁹ Cf. L. Giussani, *Perchè la Chiesa ?...*, Tomo 1, op. cit., pp. 83-90.

¹⁰ Cf. Jo 21, 15-17.

¹¹ Cf. Mt 9, 36.

» entre pais e filhos; mudam de aspeto as regras da educação; muda a maneira de olharmos para o céu e a terra, de nos levantarmos de manhã ou de irmos para a cama à noite; torna-se diferente a maneira como vamos trabalhar, como enfrentamos o peso de uma incongruência, de uma dúvida que surge, de uma questão que nos pesa no coração; torna-se diferente a atitude perante a morte e diante de uma vida que nasce.

Na raiz da diferença destas atitudes está o triunfo da piedade que Cristo teve pelo homem. «Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor».¹² Pedro foi o primeiro pastor que Ele preparou para conduzir o rebanho, de maneira a que as várias flexões da relação entre os homens e a realidade vissem triunfar a piedade de Cristo pelo homem. Pedro, garante da unidade deste novo Povo na história, assegura a permanência da novidade que Cristo introduziu no mundo para sustentar a esperança dos homens.

Através do perdão e de uma atividade inesgotável

Em primeiro lugar, o «sim» de Pedro a Cristo produz uma realidade nova através do perdão. Quando Jesus pergunta: «Simão, amas-Me?» destrói todo o ressentimento, toda a memória de todas as traições daquele pobre homem que tinha à sua frente. Para que o «sim» de Pedro produza uma nova humanidade, um povo novo, um fluxo humano diferente, desperto, vigilante, com uma mentalidade e um olhar que vê, ajuíza, trata as coisas de uma maneira diferente da do mundo, para que este «sim» se torne evidente na sua fecundidade, decisivo para a história da humanidade, protagonista dos acontecimentos humanos, a condição é que ele se exalte, se apoie, construa sobre o perdão, aceitando-o. Aceitar o perdão é talvez a coisa mais difícil, ainda que continue a ser simplicíssima.

O «sim» de São Pedro cria o povo novo no perdão, é pronunciado pela consciência de que aquele rosto, que lhe pergunta: «Simão, amas-Me?», está cheio de perdão. O «sim» de Pedro é construído sobre este perdão e consegue que ele seja para todos. É por isso que o Abade diz a Miguel Mañara que tudo aquilo que ele possa ter feito no seu passado fica reduzido a zero.¹³ É preciso um poder infinito para reduzir a nada o que existe. O perdão é, acima de tudo, uma redução a nada de todo o mal que fiz. Mas também de tudo o que farei, porque dentro de um mês, dentro de um ano, terei de dizer formalmente o mesmo que hoje. Uma mãe e um pai verdadeiros conhecem um pouco do significado desta onnipotência, quando apagam a recordação das pequenas ou grandes asneiras que as crianças cometem. A comparação fica desfocada devido à nossa pequenez e fraqueza, mas é a única possível: o pai e a mãe, diante da criança pequena, perdoam continuamente, devem perdoar-lhe continuamente para que ela cresça. E nunca haverá um fim para este perdão, aliás terá de aumentar com o passar do tempo.

Em segundo lugar, o «sim» de São Pedro origina uma atividade que está em contradição com as aproximações e as negações e os ódios mundanos. «E todo o que n'Ele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro».¹⁴ Não é purificado de uma vez, não obtém a santidade de repente, mas a sua vida é purificar-se: «purifica-se como Ele é puro». Então torna-se habitual acordar de manhã e rezar o *Angelus*, oferecendo o dia com a consciência de que a nossa fraqueza, nos erros que serão cometidos naquele dia, já está perdoada: «Ofereço-Te, Meu Deus, este meu dia, como quer que ele seja, porque tens de o »

¹² Mt 9, 36.

¹³ Cf. O. Milosz, *Miguel Mañara*, op. cit., p. 43.

¹⁴ 1 Jo 3,3.

» perdoar, eliminando a memória dos meus males, porque tens de o manter tenso, em tensão para Ti», como a imagem de São Pedro e de São João que correm para ver o sepulcro¹⁵ de onde Jesus ressuscitou.

O Povo novo nasce deste perdão e desta atividade inesgotável, desta atividade não paga pela sua construção (porque «consegue»). Não há nenhuma medida aqui, nem conseguir nem não conseguir. Dentro do perdão, apoiando-se no perdão, recomeça-se mil vezes por dia.

O Povo de Deus, uno e múltiplo, tem incidência na história

O povo de Deus que nasce é *uno*. «Todos os que fostes batizados em Cristo ... todos vós sois um só (*eis*) em Cristo Jesus».¹⁶ O «sim» de Simão a Cristo implica o início de um mundo novo que se comprova de forma visível na unidade entre aqueles que O reconhecem; comprova-se do ponto de vista fenomenológico como uma unidade, que tem uma profundidade ontológica original: é um organismo no sentido real do termo, é o Corpo misterioso de Cristo. Esta ontologia chama-se, com outra palavra, *communio*, comunhão de ser, pela qual «todos vós sois um só (*eis*) em Cristo Jesus». O acontecimento de Cristo mantém-se na história, está presente em cada «presente», comprovando-se do ponto de vista fenomenológico como uma unidade de homens que estão juntos porque Ele existe, porque reconheceram que foram escolhidos por Ele.

Esta unidade não é uma homologação, uma identidade de rostos sem significado, mas é constituída por rostos concretos. A razão pela qual a unidade do Povo não é homologante, mas sim rica em variações é que toda a realidade o compõe nasce de uma história na qual um «encontro» juntou as pessoas e marcou o caminho. A partir do encontro feito, torna-se mais compreensível, mais fácil de entender e de seguir, mais amável e mais fecundo, o caminho para a pureza. Cada parte deste Povo nasce de uma graça particular do Espírito que se chama carisma.

A unidade de pessoas que O reconhecem num determinado ambiente, enquanto ligada à comunhão de todos aqueles que acreditam em Cristo presente, tem incidência na sociedade, como presente, e sobre a história, como continuidade da sociedade. Esta unidade torna protagonista o homem novo batizado que, por amor a Cristo, tende a criar um mundo mais humano para todos em Seu nome. Pela sua natureza, esta unidade (seja de dois ou de duzentos milhões) tem incidência na sociedade até à política e na história enquanto cultura e civilização. Neste sentido, no Evangelho encontra-se a fórmula clara e completa do método evangelizador: «Que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste».¹⁷

Sobre este rio humano visível e imparável na história, escrevia o Cardeal Newman:

A Igreja cristã, como sociedade visível, é necessariamente um poder político ou um partido. Pode ser um partido triunfante ou perseguido, mas deve ter sempre as características de um partido que tem prioridade em existir, por comparação às instituições civis que o rodeiam e que é dotado, pelo seu caráter divino latente, de enorme força e influência até ao final dos tempos. Desde o princípio foi concedida estabilidade não apenas à mera doutrina do Evangelho, mas à própria Sociedade fundada sobre esta doutrina; foi prevista não só a indestrutibilidade do cristianismo como doutrina, como também a do organismo através do qual se manifestaria ao mundo. Assim, o Corpo Eclesial é um meio divinamente estabelecido para realizar as grandes bênçãos evangélicas.¹⁸ »

¹⁵ Cf. Jo 20, 3-10.

¹⁶ Gal 3, 27-28; cf. Rm 10, 12; 1 Cor 12, 13; Col 3, 11; cf. também L. Giussani, *Perchè la Chiesa?...*, Tomo 1, op. Cit., pp. 119-122.

¹⁷ Cf. Jo 17, 21.

¹⁸ J. H. Newman, *Gli ariani del IV secolo*, Jaca Book-Morcelliana, Milão-Brescia 1981, p. 199.

» *Defesa da vida do povo e ajuda mútua*

A ternura para com Cristo¹⁹ faz com que nos tornemos protagonistas novos na sociedade, na política e na história, até à criação de uma civilização. Esta é a consequência mais evidente que jorra do núcleo invisível que o Espírito Santo criou no seio de uma jovem mulher: e desenvolveu-se até atingir as dimensões de um povo.

Os cristãos são homens que, reconhecendo-se em companhia, em amizade, vivem numa luta para tudo em si ser uma tensão para o objetivo da vida como ideal comum do povo. Para eles, nos tempos em que, como diz Eliot, «os homens esqueceram / todos os deuses, excepto a Usura, a Luxúria e o Poder»,²⁰ estes deuses valem menos do que a tensão para o ideal. Os cristãos, por isso, vivem sem escândalo por causa dos seus erros, por causa da traição – dolorosíssimo inconveniente da inconsistência - dentro de uma recuperação contínua do horizonte ideal. A vida é concebida como uma tensão para o Destino, como luta pelo bem, por isso torna-se fácil juntarem-se para se ajudarem uns aos outros.

O Acontecimento que, de repente, une aqueles que nele embatem e o aceitam, exprime o seu princípio de unidade sobretudo como subsidiariedade realizada: cada um ajuda o outro, cada um tenta completar aquilo que falta no outro. É uma subsidiariedade concreta, possivelmente diária, como facilitação da vida e como defesa do inimigo que ameaça a vida do povo. Este inimigo é o «mundo», quer dizer, a realidade humana quando esta é programaticamente concebida contra qualquer referência a Cristo.²¹

A consciência de termos sido escolhidos para participar na construção do Reino de Deus infunde uma nova onda no coração, graças à qual o sentimento amoroso - através daquele gargalo terrível que se chama cruz, sacrifício - se torna autêntica caridade recíproca. Viver isto é colaborar na paz e, portanto, na laboriosidade, na consolação da vida, na percepção da mesma como carregada de significado, esperando que se cumpra o seu significado final.

Na realização destes objetivos esgota-se o sentido do povo; esgota-se para a eternidade, isto é, para viver o eterno dentro da atividade normal. Deste modo, o povo colabora no propósito da criação, colabora com Jesus na cruz, segundo o adensar-se experimental da luz, do amor e da alegria finais, através dos quais a Ressurreição de Cristo, como terminal da cruz, penetra, assimilando-o, em tudo o que se conhece, se utiliza e se vive em conjunto.

O novo Povo que Cristo gerou no mundo, este rio irresistível - mesmo nos trágicos eventos que tem de atravessar - é constituído por pessoas que aceitam de alguma maneira viver estas coisas; e quando ainda não as percebem, pedem a Deus a graça de as perceber e aos seus irmãos a graça de uma ajuda.

A responsabilidade dos cristãos é a de serem aquilo que conheceram, aquilo que passou a fazer parte da sua cabeça e do seu coração. Somos, portanto, responsáveis por sermos o que somos, aquilo a que fomos chamados por Jesus no Batismo e no encontro que o fez florescer. A nossa responsabilidade é a de sermos amigos segundo um encontro feito.²² E esta amizade não pode deixar de incidir sobre as relações que se estabelecem na família, no trabalho, na vida social e política. Revela-se por isso atual a observação do estudioso americano, Alasdair MacIntyre que, em relação à situação europeia do tardo império romano, aponta o seguinte:

Houve um ponto de viragem decisivo, na história mais antiga, em que homens e mulheres de boa vontade desistiram da tarefa de apoiar o *imperium* romano e deixaram de identificar a continuação da civilização e da comunidade moral com a conservação »

¹⁹ Cf. 2 Cor 5, 6-9.

²⁰ T.S. Eliot, *Coros de «A Rocha»*, Tenacitas, Coimbra 2014, p.135.

²¹ Cf. Jo 15, 18ss.

²² Cf. L. Giussani, «Tu» (o dell'amicizia), BUR, Milão 1997.

- » desse *imperium*. Em compensação, a tarefa que assumiram foi a construção de novas formas de comunidade em que a vida moral pudesse ser sustentada, de maneira que quer a civilização quer a moral tivessem a possibilidade de sobreviver à época incipiente de barbárie e de trevas (...), à dissolução do estado, à corrupção da sociedade.²³

A amizade dos homens chamados por Jesus no Batismo é o início das comunidades de que fala MacIntyre, o início de uma cultura nova, de um sentimento diferente da sociedade e do Estado, do mundo. Surgem assim novas comunidades humanas que são, segundo as palavras de João Paulo II, a única possibilidade de ultrapassar a desolação de tantas sociedades modernas: «O despertar do povo cristão para uma consciência maior da Igreja, construindo uma comunidade viva em que o seguimento de Cristo se torna concreto, reveste as relações de que o dia é feito e inclui as dimensões da vida: esta é a única resposta adequada à cultura secular que ameaça os princípios cristãos e os valores morais da sociedade». Esta ameaça atinge especialmente duas coisas: em primeiro lugar, a antecipação da felicidade do homem, que se chama, usando termos bíblicos, «herança», e a espera certa dela, que constitui e define o homem verdadeiro; em segundo lugar, a existência do povo. O poder parece ter como finalidade a eliminação do povo, enquanto unidade de homens que têm um ideal comum e identificam os meios para o alcançar, e em particular do povo cristão que persegue o Destino verdadeiro na companhia gerada por Cristo.

²³ A. MacIntyre, *Dopo la virtù*, Feltrinelli, Milão, 1988, p. 313. (NT. Ver L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*, Lucerna, Cascais 2019, p. 164).